

7ª EDIÇÃO | FEVEREIRO '25

FADISTA

www.fadocale.pt

ANA MARGARIDA PRADO
ENTREVISTA

RICARDO
RIBEIRO

FADO INTEMPORAL
SANDRA CORREIA

CASA DE FADOS
MARIA DA MOURARIA
TASCA DA BELA

A ARTE DO BEM DIZER
ÂNGELO FREIRE

ENSINO
ESCOLA DE FADO DE SÃO VICENTE

FACALE
DO

JORNAL DO FUNDÃO

fundão
365 dias à descoberta

FADO É RIBEIRO QUE CORRE.

por
Ricardo Luiz



Ao passar pelo ribeiro
Onde às vezes me debruço

Gosto de imaginar o Fado como sendo um ribeiro. Não sei se por ser tão essencial à minha (nossa) sobrevivência como a água o é, se por conseguir ver num simples ribeiro o reflexo do que é o Fado. Na verdade, sempre me inquietou esta pergunta estranha - o que é o Fado? É comum dizer-se que não se explica, sente-se. Mas a minha sede de encontrar respostas para tudo, num mundo povoado por tanta ambiguidade, torna-se tão sufocante quanto desafiadora. Tenho tido a sorte, o privilégio, de me debruçar sobre o Fado, e não vos vou mentir... se há dias em que as respostas parecem ser claras como água, noutros afogo-me nas dúvidas que este me traz.

Talvez ninguém saiba dizer ao certo o que é o Fado, porque ele próprio já não é o que antes foi. Há uns anos, ouvi uma entrevista em que o Ricardo Ribeiro dizia que o Fado é um movimento, que se adapta à vida e vai mudando à medida que muda a vida de quem o canta. E acredito que seja esse movimento que contribui para que esta canção não tenha morte prevista. É como um ribeiro, lá está: as suas águas pare-

cem paradas, mas estão sempre em movimento, em constante renovação. Mas se há coisa que o Fado me tem ensinado é a importância de olhar para o passado e tratá-lo com respeito. Para quem, como eu, tem uma veia saudosista muito saliente, esta tarefa fica um pouco mais prazerosa. O passado fascina-me: viver tempos através das palavras de quem os presenciou - acontece tanto Fado ao conversar - ou reviver as minhas próprias memórias (juro que esta referência ao título do meu primeiro disco não foi propositada). Não me interpretem mal, sou um homem com olhos no futuro! Mas de que nos serve chegar se não pudermos olhar para trás e ver o caminho que percorremos?

É comum ouvirmos os mais experientes dizer “isto já não é o que era” ou “deixei de dizer o que quer que seja porque era, muitas vezes, mal recebido e interpretado”. São sempre mais tristes as noites quando oiço isto. Porque eu sou dos que quer ouvir. Deveríamos ser todos. Sou dos que pergunta “o que achaste?”, “o que posso melhorar?”, “antigamente como era?”.

Bem, a verdade seja dita: tenho tido a sorte, o privilégio, de me debruçar sobre

o Fado ao lado de pessoas que me respondem a estas perguntas. E são sempre mais felizes as noites quando as oiço. É ao obtermos estas respostas que o nosso reflexo nas águas do Fado vai ficando mais nítido: dizemos melhor as palavras, vemos o poema com outros olhos, escolhemos um repertório mais rico e certo, desenvolvemos a nossa sensibilidade. Enfim, a lista é extensa.

O Fado é ribeiro que corre. Debruçemo-nos sobre ele e bebamos da sua água. Para este brinde, a água não dá azar. À nossa!

PS: A repetição de certas palavras e expressões ao longo desta reflexão foi propositada: tal como na prática do Fado, é a constante repetição que nos faz caminhar, aprender e evoluir. Por último, se me permitem, faço um pedido aos mais experientes: não desistam de falar, de dizer, de aconselhar. Ficarei eternamente grato, e acredito que não serei o único. Bem-haja. 🎵

FICHA TÉCNICA

Edição: Fado Cale e Jornal do Fundão

Diretor Jornal do Fundão: Nuno Francisco

Coordenação: Leonel Barata

Design e paginação: Francisca Aranda e Diogo Pinto

Textos: Ricardo Luiz, Ana Margarida Prado, Sandra Correia, Tiago Correia, Liliana Macedo, João Carlos Oliveira | Revisão: Leonel Barata e Teresa Fonseca

Tiragem: 8000 exemplares | Impressão: Grafisol | Encarte comercial com Jornal do Fundão

Contactos: Jornal do Fundão | Rua dos Restauradores, L. 14, Loja 1 r/c, 6230-496 Fundão

Telefone: 275 779 350 | Email: redacao@jornaldofundao.pt | www.jornaldofundao.pt

ÍNDICE

Entrevista Ricardo Ribeiro	04
Fado Intemporal	10
Casa de Fados	12
A Arte de Bem Dizer Capítulo II	14
Curiosidades	16
Escola de Fado de São Vicente	18
A Canção de Coimbra	21
Ciclo de Fado e Poesia	23



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



CASA DO BARRO _ TELHADO
CASA - MUSEU D. ILDA VALENTIM _ SILVARES
CASA DAS TECEDERAS _ JANEIRO DE CIMA
CASAS DOS OFÍCIOS _ SOUTO DA CASA
CASA DAS MEMÓRIAS DE ANTÓNIO GUTERRES _ DONAS
CASA DA POESIA DE EUGÉNIO DE ANDRADE _ PÓVOA DE ATALAIA
CASA DA ROMARIA DE SANTA LUZIA _ CASTELEJO
CASA DO MEL _ BOGAS DE CIMA
CASA DO BOMBO _ LAVACOLHOS
CASA DA PASTORÍCIA _ SALGUEIRO - TRÊS POVOS
CASA DA CEREJA _ ALCONGOSTA
CASA DO BARQUEIRO _ JANEIRO DE CIMA
CASA DO QUEIJO _ ORCA

CENTRO UNESCO

www.visitfundao.pt



www.cm-fundao.pt

Ana Margarida Prado entrevista Ricardo Ribeiro



Antes de fazermos uma inevitável e breve viagem pela tua biografia, gostava de te perguntar, em jeito de introdução, o que é que alimenta a tua paixão e o teu amor pelo Fado?

Não sei se é uma paixão ou um amor, é muito mais do que isso. O Fado tem uma componente que se aprende no estoicismo e que, só depois de estudar bastante, é que comecei a perceber que é o Amor Fati, um conceito filosófico estoico que fala do amor ao destino. E o fado tem essa coisa de amor ao destino. Por isso, talvez, não seja o amor ao fado, mas o amor ao destino. E a maneira de cantar destino e dessa resiliência perante o destino, não passividade, mas a aceitação perante o destino é que me dá esta dedicação estranha pelo fado. Talvez seja esse amor ao destino que o Fado retrata e canta que me move.

O Fado entra na tua vida pela mão de duas mulheres: primeiro pela voz da tua mãe “enquanto fazia a lida da casa” (como tu gostas de dizer) e depois pela mão da tia Suzete que te deu a ouvir os primeiros discos de fado (e não só) e te levou às casas de Fado e colectividades. Conta-nos um pouco destas memórias, que discos ouvias e em que medida marcou o teu destino. Volta à conversa do destino, creio que já estava escrito e tinha de ser assim e, portanto, estas duas mulheres foram de extrema importância. Primeiro a minha mãe e depois a tia Suzete que ajudou a criar-me. A minha mãe tinha uma voz inacreditável, ainda tem, mas, infelizmente, nunca cantou ao vivo, e essa voz sempre me prendia. Talvez seja isso que me leva a fazer essa imitação. Hoje, em dia, é natural e evidente (mal de mim se não fosse julgado ou criticado) ouvir que sou “aflamencado” mas

não, o que faço é, sobretudo, uma tentativa de imitar a minha mãe. Por outro lado, essas duas mulheres deixaram determinados valores e princípios que guiam a minha vida. A minha tia Suzete, como tinha mais posses e era uma mulher de outra cultura, deu-me uma bagagem de educação e uma certa “finesse”. A minha mãe era uma daquelas mulheres de braço de produção que trabalhava de sol a sol para sustentar a família; a minha tia era uma mulher de outra classe social. Eu não gosto destas designações, mas enfim tinha outras valências, nomeadamente, em termos de educação e de cultura e que me deu essa abertura. Tinha discos de fado, de música clássica... eu fiquei a gostar de Prokofiev por exemplo porque a minha tia me fez a ouvir “Pedro e o Lobo”, e, hoje em dia é um dos meus compositores favoritos.

Outra figura familiar importante foi o teu avô materno. Contas que ele gostava de versejar. Recordas alguma quadra? Foi ele que despertou em ti o gosto pela poesia? Ele era muito espontâneo. Tinha muitas quadras. Infelizmente havia dois cadernos na família que se perderam. As únicas quadras que tenho são um pouco cavernosas e com palavrões que me recuso a dizê-las. Mas o meu avô tinha essa faculdade. E, talvez, tenha herdado do meu avô e da minha mãe essa vertente poética e musical.

Em 97 vences a Grande Noite do Fado como juvenil e em 98 fizeste a dobradinha ao vencer novamente, mas agora já como sénior. Começas assim com 15, 16 anos a cantar nos Ferreiras e a conviver mais próxima e regularmente com o teu mestre.

Há uma história curiosa. A minha tia quando fez 50 anos, eu tinha seis, fez uma festa no restaurante o Barbas, ali na Costa de Caparica e há uma fotografia em que o Maurício está a pegar-me ao colo. Por isso já havia uma ligação desde essa idade.

Mas, ao contrário do que possa parecer, eu concorri à grande noite do fado antes e não fui selecionado sequer. Portanto também há o fracasso. Depois concorrer-te e ficaste em 2º? Exactamente. Depois concorri outra vez e ganhei e concorri outra vez e ganhei. Portanto foi um percurso de quatro passos.

Voltemos aos Ferreiras. Fala-nos desses tempos.

Foram tempos maravilhosos. A primeira recordação que eu tenho dos Ferreiras,

tinha 10 anos, foi a primeira vez que a minha tia me levou a uma casa de fados, e cantei dois fados. Digo sempre que a primeira vez que cantei em público foi na Académica da Ajuda porque teve impacto na minha vida, mas eu cantei nessa noite nos Ferreiras (muito mal). Quando ganhei a grande noite do Fado em 97, comecei a trabalhar nos Ferreiras. Não foi bem a ser parte do elenco, mas ia praticamente todas as semanas. Eu vinha do colégio interno e, ao fim de semana, em vez de ir para casa da minha mãe, ia para casa da minha tia e ela levava-me para os Fados. Levou-me ao Lisboa à Noite, às colectividades mas sobretudo íamos aos Ferreiras.

A partir daí fui sendo chamado e, tal como te aconteceu a ti, vais aparecendo, vão-te chamando... Naquela época (não assim tão distante, mas como hoje os tempos estão tão rápidos e precisa-se de tanta coisa imediata) era um bocadinho diferente. Havia uma outra maneira de estar. Nós cantávamos muito uns para os outros como um alento. Hoje em dia há mais competição. Naquele tempo não sofríamos tanto da competição que acho que é uma das piores coisas que acontece hoje em dia à humanidade: é pormos logo as crianças desde pequenas a competirem umas com as outras, em vez de competirem consigo próprias.

Quem cantava, quem tocava nos Ferreiras...

Quando eu comecei a trabalhar nos Ferreiras cantava o Victor Lemos, a Lena Lemos, o Jaime Dias, a Júlia Lopes, o Fernando Maurício e tocava o Adelino dos Santos e o Mário Cotrim, e depois o Filipe Pinto. Ainda apanhei o Zé Martins. O Adelino dos Santos foi a pessoa com quem mais aprendi. Tive muita sorte! Nessa época, ele e o Maurício faziam-me uma partida incrível: sentavam-se lá num canto e tocavam uma melodia e eu tinha de saber o nome do fado tradicional e o autor. Daí, eu saber as melodias quase todas, não sei todas porque vamo-nos esquecendo, mas, naquela altura, sabia os autores todos e as melodias.



Fernando Maurício...

O Maurício era um ser genial. Era uma pessoa muito particular e um ser humano com características muito autênticas, humanas e valores muito bonitos. Havia qualquer coisa que se movia dentro daquele homem e da sua voz: a maneira extraordinária como as palavras saíam. Como será evidente, há quem olhe para o Maurício como um tradicionalista, mas ele era extremamente moderno e avançado, evoluído e progressista na maneira como cantava. Aliás, as coisas que ele fazia cantando nos discos, às vezes, não se tem bem a noção, mas qualquer músico de Jazz percebe perfeitamente que é uma coisa erudita e muito sofisticada. Mas é tão da terra e tão autêntico que passa a ser tradicional. Quando olhamos para uma coisa autêntica, ela passa a ser tradicional. Tenho sempre muita relutância com a palavra tradição. Na sua raiz etimológica tradição vem de latim “tradi-tio” que significa “aquele que transporta algo”. E, portanto, transportar algo, tem a ver mais propriamente com uma coisa espiritual que propriamente mundana. Foi um grande amigo.

Quando é que começaste a interessar-te pela cultura mediterrânea e em especial pela cultura árabe?

Ao contrário do que possa parecer já tinha tido contacto com a cultura árabe na escola... tive a sorte de estudar num colégio diocesano, o colégio Andrade Corvo, em regime de internato, onde tive a oportunidade de conviver com alguns alunos marroquinos, nomeadamente da família real marroquina, que já me tinham dado algumas coisas a ouvir da música do país deles. Depois, o entrar dentro da música árabe foi através de uma das pessoas que mais influenciou a minha vida e a mudou completamente que é o Rabih Abou-Khalil que, depois, me começa a abrir horizontes e a ajudar a construir-me.

O Rabih, o Maurício e a Beatriz da Conceição, com quem convivi muito e passei muitas e muitas noites, foram fundamentais na minha vida, na minha construção enquanto ser humano e fadista. A eles devo o homem, o músico e o fadista que hoje sou.

Maurício foi o teu mestre, cresceste com amigos de etnia cigana e depois conhecestes o libanês Rabih Abou-Khalil que te abriu novas janelas musicais. Sentes que o teu canto reflete e vive de todas estas vivências, gostos e interesses?

Uma das coisas que o Rabih me ensinou, >



é que a minha missão é servir a música e não me servir da música. A minha forma de cantar e a minha maneira de estar na música e no canto é sobretudo uma forma de reflexo interior para o exterior. Seria viver numa mentira cantar de uma forma que não fosse minha ou que não tivesse a ver com todas essas influências e com todo o mundo que é criado cá dentro. No fundo é um mundo de dentro que vem cá para fora. Uns avaliarão como mais “arabizado”, outros mais “aflamencado” ou “aciganado”. É mais arabizado e sefardita que propriamente aciganado, mas eu não posso dar cultura às pessoas. As pessoas fazem os seus julgamentos e suas avaliações. Mas não tem nada a ver com isso, tem a ver com uma pessoa que tem uma personalidade artística e um ideal estético. Uma coisa posso garantir, quem me ouve sabe à partida que sou eu. Bom ou mau, não há outro igual.

Preocupa-te a opinião dos outros sobre a tua arte?

Houve tempos em que me preocupava, hoje em dia não, porque isso não depende de mim. Isto tem a ver com a filosofia estoica, sou muito estoico e sigo a filosofia estoica e hermética. Não depende de mim a opinião alheia. Eu só posso comandar aquilo que depende de mim. O que depende de mim é ser autêntico e honesto. Claro que há críticas que nos podem entristecer. Agora deixar que isso tenha influência na minha vida, não tem. Estou atento ao que dizem e aceito opiniões quando elas são dadas de uma forma construtiva, lúcida e informada.

De onde vem para ti o Fado?

Costumo dizer uma frase que me saiu um dia: o Fado não faz o fadista, o fadista é que pode fazer o fado ou não. O Fado vem do

interior das pessoas e tem a ver com esse “Amor Fati”, o amor pelo destino. O fado é uma tentativa de dizer às pessoas que é importante aceitar o destino como ele é e não como a gente gostava que ele fosse.

Na sua origem, não sou musicólogo, mas na minha visão costume dizer que o avô do fado era um alentejano ou um algarvio e a avó era uma transmuntana ou uma minhota, que se juntam em Lisboa e fazem esta canção, esta expressão, esta maneira de amar o destino.

O que é para ti ser fadista?

É um acto de sobrevivência a estas coisas más do destino, às coisas boas... No fundo é uma forma de resiliência. Não posso ser hipócrita, mas é também uma forma muito boa de ganhar a vida.

Tiveste uma infância difícil, o que é que só o Fado te deu? Foi uma salvação?

Acho que somos nós próprios que nos damos a salvação. Não quero entrar por vias religiosas, que isso é um campo íntimo, mas somos nós que trabalhamos a nossa própria salvação. O Fado ajudou, tal como as pessoas que estiveram envolvidas, mas como tudo isto é obra da força divina, tudo isto é encaminhado. E lá vem outra vez o destino.

- O que é que te emociona?

O amor.

- O que é que te inspira?

A luz.

- Qual é o teu verso preferido?

Os meus filhos.

- Se só pudesses cantar para sempre um Fado qual seria?

Fado Menor

- E se só pudesses cantar um poema, qual seria?

Destino Marcado

- Poeta de eleição?

Teixeira de Pascoaes.

Dos Fados o Carlos Conde, mas é tão injusto poderia ser o Artur Ribeiro ou tantos outros.

- Fadista mulher de eleição?

Beatriz da Conceição. Mas é outra grande injustiça só poder escolher uma.

- O que desperta a tua curiosidade?

Tudo, excepto a vida alheia.

- Uma palavra para descrever o Fado?

Destino.

De que maneira podemos melhorar o mundo através da música?

Sendo um músico melhor consegue melhorar o mundo, sendo melhor em si, trabalhando em si mesmo. Adapta-se muito bem aquela frase do Ghandi “Que sejas tu a mudança que queres ver no mundo”. A partir do momento em que um músico se melhora a si mesmo enquanto conduta humana, princípios e valores dos quais não abdica, acho que é magnético. A tranquilidade e os valores são magnéticos e quem está a tua volta começa a adaptar-se a isso e naturalmente quem não é capaz afasta-se.

Como estimulas a tua criatividade?

Eu não sou capaz da estimular, sinto que sou visitado. Parece que apanho as coisas no ar, elas de repente aparecem. **Estás desperto? atento?** Sim, estou desperto porque estou em paz. Vivo num estado de serenidade, evidentemente com os problemas da vida de qualquer ser humano, mas tento sempre manter uma chama de paz e serenidade.

Agora fiz três músicas e quatro poemas e se for preciso estou seis meses que não vem nada, mas não forço, espero que as coisas aconteçam e venham. Não tenho um motivo particular, é como se fosse uma visita. Quando estamos atentos não perdemos muitas oportunidades que a vida nos oferece, porque a vida tem um ritmo e nós temos outro.

Qual a importância que a beleza tem na tua vida?

É fundamental a beleza, o que é belo. Tanto nutrir o que é belo como preservar o que é belo.

Uso sempre aquela frase do Platão em que ele dizia que “um homem ficava sem palavras perante algo belo”. Dizia que eram as reminiscências, que era de onde nós vínhamos, do uno primordial. Acho que a importância da beleza é sobretudo esta, e não só a beleza estética em termos da forma, mas também a beleza interior, do movimento humano. Tanto a vida é um fluxo como o ser humano é um movimento em si próprio. Movimento e repouso. E é esse movimento que também traz beleza. Quando o homem se movimenta de forma bela através dos seus valores, princípios éticos, morais... é fundamental para que a humanidade sobreviva e o mundo seja melhor. Portanto a beleza é fundamental.

“

O Fado vem do interior das pessoas e tem a ver com esse “Amor Fati”, o amor pelo destino.

”

O que é que o campo te dá / acrescenta ao teu Fado?

Isso é outra característica minha. Sempre fui um tipo da cidade, nasci em Lisboa, mas sempre fui muito campónio. Desde tenra idade sempre adorei as coisas do campo, fui pastor.

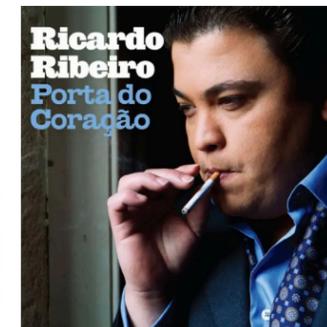
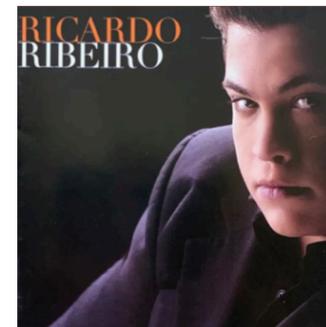
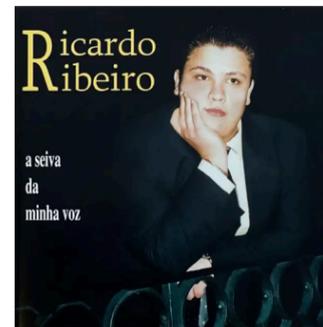
O Alentejo tem uma coisa que é fundamental para mim, tem uma paz que me ajuda a estar em frequência com a minha paz e a paz daquela terra. Eu escrevi um poema um dia que diz “o vento passa ajoelhado para não fustigar as oliveiras e os sobreiros.” Passa ajoelhado porque é o vento suão, é um vento muito rasteiro, um vento muito certo. Se calhar as pessoas não dão conta disso, mas eu observo o movimento do vento. É muito vento, muito forte, mas é certo. E depois tem aquela coisa maravilhosa em que se chega à noite a casa e parece que com o simples esticar do teu braço tu apanhas o firmamento. Parece que ele está muito perto.

Se olhares para o beirado de uma casa e o céu, parece que ele está logo ali. E dá-me uma sensação de agradecimento por estar vivo. O campo tem essa coisa. As plantas têm uma grande influência na minha vida. Tenho muitas plantas e animais. Há outro poeta por quem eu sou fascinado que é o Régio e que ele na toada de Porta-legre diz exactamente isso:

*“Quem desespera dos homens,
Se a alma lhe não secou,
A tudo transfere a esperança
Que a humanidade frustrou:
É capaz de amar as plantas,
De esperar nos animais,
De humanizar coisas brutas,
E ter criancices tais,
Tais e tantas!,
Que será bom ter pudor
De as contar seja a quem for.”*

O que é que gostarias de dizer às novas gerações e às vindouras?

Eu não sei o que gostava de dizer, quando me convidam para falar eu digo sempre façam perguntas e eu vou falando. As novas gerações têm um problema, não sei se é um problema, mas quanto a mim creio que pode ser uma coisa delicada em termos de crescimento artístico. As novas gerações têm um problema: não têm velhos. Não há velhos. Os velhos que há são poucos e depois as novas gerações têm um problema com esta coisa da tecnologia, deixou de perguntar coisas às pessoas. Deixo aqui o meu reparo, é construtivo, não é para destruir, é simplesmente se têm oportunidade de falar com os velhos que ainda estão vivos vão fazer perguntas. Vão lá cantar ao pé deles e perguntem: “Desculpe, o que é que achou? O que é que acha que posso melhorar? Perguntem. Foi isso que eu fiz. Nas convivências que tive com a tia Argentina Santos, com a Bia, o Maurício, com a Celeste Rodrigues, com o Alcino, o Adelino dos Santos, o José Inácio, com o António Rocha já mais tarde, com a Maria Amélia Proença também. É fazer perguntas ou conversar, apenas conversar. Às vezes nem tem que se falar de fados, mas conversar sobre a vida. Porque estas pessoas não são só sabedoras de fado, mas também são conhecedoras da vida, da arte de viver. Isso é muito importante, é um legado que fica. É algo que te passam e que tu às vezes nem dás conta, mas que mais tarde te vão servir de muita coisa. Eu tive um grande amigo, um homem que mudou muito a minha vida, cantava Fado de Coimbra. Foi uma das pessoas mais importante e



um dos homens que mais amei nesta vida. Era o Rui Gomes Pereira, compadre do Rão Kyao. Ele dizia uma coisa muito engraçada que era “às vezes só poder estar ao pé das pessoas e em silêncio já é bom, já te transmitem coisas que só mais tarde vais perceber”. As novas gerações devem ter atenção a isso e procurar estar com os mais antigos. Eu quando chamo velhos é com ternura. Velho para mim é uma palavra muito importante. Velho no sentido profundo da palavra, no sentido mais belo da palavra. Devem ir ter com eles e ouvi-los e perguntar. Não só cantadores e cantadeiras, mas também guitarristas, que ainda há um ou outro, muito poucos, mas que se fale, que se converse, que se oiça. **Que tenhamos algo para passar.** Exactamente! É muito importante perguntar. Para não perdermos o fio que nos une a todos. **Voltamos à tradição.** Tradição é algo que se transporta. **Se isto é algo que se transporta temos de ter cuidado com o que andamos a transportar.** Devemos ter a humildade de perguntar. A convivência é importante. Eles têm muitas coisas a dizer.

Como gostarias de um dia ser lembrado?

Muito simples: “Por aqui passou um homem”.

O que gostarias que um dia seja escrito sobre ti na história do Fado?

Sobre mim? Gostava que dissessem que foi um tipo que apa-

receu, que era original. Que era um tipo que se ouvia e se percebia que era ele, tinha uma personalidade artística, um ideal estético e que era interessante no que fazia. Bom ou mau isso agora os adjectivos qualitativos não me interessam. O que me interessa é que dissessem que foi um tipo muito interessante que por aqui passou e deixou uma obra. Depois julguem-na como quiserem, mas a obra fica. Sabes eu não estou muito interessado que me lembrem a mim, estou mais interessado que lembrem aquilo que eu cá deixar. A mim, se era gordo ou magro, branco ou preto, diz-me pouco. Claro que a minha obra não pode ser dissociada de mim, mas que se lembrem mais daquilo que eu deixei e que oiçam e disfrutem, porque é deixada cá com muito carinho de dedicação.

O que é que eu não te perguntei?

Perguntaste tudo.

É muito importante perceber que os fados têm muito mais do que aparentam ter. Tem muito mais características, não regras, e há determinados cuidados que é preciso ter para que isto não seja uma cantiga igual a muitas outras, porque nunca o foi. 🎵

🎵 🎵 SUGESTÕES 🎵 🎵

Um livro:

- Arte de viver de Epicteto
- Analectos de Confúcio

Um álbum:

- Cantigas de uma língua antiga, Amália
- Johnny Hartman and John Coltrane

Um filme:

- Método Perigoso - é um filme muito interessante, embora hollywoodesco, e para não ser muito pesado, sobre o Freud e o Jung. Não falámos na entrevista, mas gosto muito de ler Jung e ele fala sobre as sincronicidades. Quando um tipo está sereno entra num sincronismo com a criação, há uma sincronidade nessa serenidade e de repente as coisas aparecem, daí essa tal visita!
- O Reino dos céus - tem lá lições muito interessantes
- O Físico - é uma fantasia, mas tem lá grandes ensinamentos em diálogos históricos muito interessantes nomeadamente uma grande frase de Ibn Sina, um médico muçulmano, em que ele diz: “questiona todas as certezas sejam quais forem as fontes”

ANA MARGARIDA PRADO



Nasceu em Oliveira de Azeméis. A sua mãe passou-lhe o gosto pelo fado, tendo estudado piano e música clássica dos 6 aos 18 anos.

Na Universidade de Aveiro paralelamente ao estúdio de Novas Tecnologias da Comunicação passou pelo Teatro Musical, integrando várias peças e espetáculos entre 2002 e 2005 co-produzidas com o Teatro da Trindade em Lisboa, onde em 2006 realizou estágio em Espectáculos Multimédia.

Em 2008 recebeu o Prémio Revelação na Gala de Fado do Teatro Sá da Bandeira e começou assim a cantar nas grandes noites de Fado da cidade do Porto. Em 2009 integra o elenco de dois espetáculos musicais na ilha de Maiorca (Espanha), em digressão durante 8 meses. De regresso ao Porto integra as

casas de Fado do Porto e em 2011 começa a sua carreira internacional, tendo levado o seu fado além-fronteiras, a vários países, como França, Suíça, Holanda, Alemanha, Rússia, Roménia, Luxemburgo, Marrocos, Polónia, Bélgica, Namíbia, Canárias, Brasil entre outros.

Ao mudar-se para Lisboa, começou a atuar em várias Casas de Fado, como o Sr. Vinho, Adega Machado, A Severa, Fado ao Carmo, Maria da Mouraria, entre outras.

Ana Margarida Prado participou em vários projectos e trabalhos discográficos, tal como o projeto “+351 – Os Fados de João Gil e João Monge”; “Rio Lisboa” e “Bela Ensemble” - nomeado para melhor álbum de fado pelos Prémios Play em 2024.

Em Março de 2022, iniciou uma residência artística na Fábrica Braço de Prata com o desafio do Fado ser acompanhado por diferentes sonoridades e formações e a liberdade para explorar e desenvolver a sua versatilidade como intérprete, cantora e fadista.

Em Janeiro de 2023 subiu ao palco do Centro Cultural de Belém para celebrar 15 anos de carreira e desvendar alguns temas do seu álbum de estreia a solo “Laço” lançado em Maio de 2024, com o selo Museu do Fado, que conta com todas as letras escritas pelo poeta João Monge. O single “A Ver as Vistas” valeu à fadista o prémio de “Melhor Performance de Fado” de 2024 nos International Portuguese Music Awards (IPMA).

Fado Intemporal



por Sandra Correia

“Ovi numa praia do Algarve, uma senhora maior a cantar uma canção maravilhosa e perguntei-lhe que canção era aquela. Ela respondeu: é um fado! Desde então nunca mais me distanciei do Fado! Sou completamente apaixonado! Aprendi um pouco de português para entender os poemas!” Jaume Coy – Catalão.

Liliane Moors da Bélgica, Yona de Israel, Angela D’Amuri de Itália, Lola Fernandez de Espanha, Lonny da América, e tantas, tantas pessoas que fui conhecendo pessoalmente, são exemplos desta maravilha que o Fado faz acontecer! Todas têm uma história para contar sobre como o Fado as tocou. Aprenderam Português para entender os poemas, para entender porque choram, porque sentem aquela força que os leva às lágrimas...

Ou então, o que leva uma criança de tenra idade, de Santa Maria da Feira, como foi o meu caso ao ouvir a voz de Amália (a quem o Fado visitou de todas as vezes que a ouvi), a ficar siderada, a ficar com a certeza desta paixão que é o Fado!

Como eu, crianças, adultos, uns músicos, outros poetas, outros simplesmente ouvintes, de toda a parte, são tocados por esta magia que é o Fado. Parece ser uma atitude do próprio Fado. Será?

Por isso o Fado acontece apenas e quando lhe convém, e das mais variadas formas!

“...Até no riso duma criança, pode haver Fado!” Artur Ribeiro.

Grandes fadistas apareceram de toda a parte, grandes músicos de Fado, grandes poetas, populares e eruditos, grandes aficionados de Fado, aparecem de todo o lado, grandes concertos e apresentações de fado acontecem pelo Mundo todo! E pessoas de todo o Mundo vêm todos os dias para ouvir Fado.

É verdadeiramente Património da Humanidade! Toca todos, emociona todos. Por todo o Mundo, dos mais velhos aos mais novos. Coincidentemente, no Fado Português esta semana tivemos uma casa cheia de pessoas maiores, e no dia anterior tivemos uma casa cheia de adolescentes. É maravilhoso sentir que há tantos jovens apaixonados e a apaixonarem-se pelo Fado. Serão eles a continuação desta tão mágica forma de estar, ser fadista! Jovens instrumentistas, jovens cantores, jovens poetas, jovens ouvintes. Alguns não são muito maiores do que uma guitarra!

Também um pouco por todo o lado vão abrindo novas casas de fado. Muitas delas, por fadistas e músicos, que naturalmente terão uma maior sensibilidade para gerir uma casa de fados, que não é simplesmente um restaurante, é muito mais do que isso, é um local onde se partilham sentimentos e emoções, onde se transmitem experiências verdadeiras, únicas, tradicionais.

E nesta dicotomia (sempre) atual entre jovens e mais velhos,

entre as novas e as antigas casas de fado, entre as novas gerações de fado e as anteriores, é fantástico ver que a relação que se vai estabelecendo entre elas é uma relação de igualdade, mas também de respeito mútuo. Os mais novos, na ânsia de beberem da fonte, de conhecerem, de melhorarem; os mais velhos na consciência da responsabilidade que têm na transmissão do tradicional.

Os momentos de inspiração são constantes. Nas noites das casas de fado, nas tertúlias pela noite dentro, nas interpretações sentidas e verdadeiras. Inspiramo-nos uns com os outros. Saciamos a sede de Fado uns com os outros. Mas o Fado serve de inspiração a tantas outras formas de Arte... senão mesmo a todas. Desde logo, a Poesia, com quem mantém uma relação simbiótica. Mas também a Pintura, a Escultura, o Teatro, o Cinema ou a Culinária, entre outros, entre todos. A magia que existe em qualquer noite de Fado é maravilhosa, e o próprio público é com toda a certeza, também ele, inspirador.

A escolha do repertório, quase sempre em tempo real, a apresentação de cada artista, o brilho do som da Guitarra Portuguesa, o caminho que nos estende o acompanhamento da Viola de Fado, o Amor presente sempre em tantos poemas, muitas vezes a pele de galinha e as lágrimas que acontecem quando o Fado espregueia! Toda esta magia, que gera tantas emoções, é uma fonte constante de inspiração.



Agora vivemos num mundo novo que rapidamente está a instalar-se. A IA está cada vez mais presente no nosso quotidiano, dizem que poderá ocupar muitas funções desempenhadas por seres humanos, mas o nosso mundo é feito de emoções e de sentimentos, e duvido que poderá haver IA capaz de nos substituir nesse campo. Para além disso, cabe-nos a presença de verdade, para continuarmos

“
A magia que existe em qualquer noite de Fado é maravilhosa, e o próprio público é com toda a certeza, também ele, inspirador.”

a criar, a somar experiências humanas uns com os outros no sentido de anteciparmos um futuro melhor, mais rico e cheio de pureza!

Sabemos onde estamos e preparamos onde vamos estar. E como aqui chegamos? Há quem diga que o berço do Fado veio a navegar, num oceano movido por várias influências. Há quem diga que vem da Idade Média, dos ceguinhos e outros cantores de rua, que cantavam roman-

ces, nas aldeias do interior. Seja como for que aqui chegou, a verdade é que o velho Fado Menor, o velho Fado Mouraria e o velho Fado Corrido, são o retrato da Alma Portuguesa. Fazem lembrar Tristeza, Coragem e Alegria.

Independentemente de onde remotamente vem ou onde está, o importante é a força com que o abraçamos!

Da minha parte, quero dar um agradecimento eterno às gerações anteriores, músicos, poetas, fadistas, construtores de instrumentos, editoras, promotores, técnicos, rádio, televisão, que transformaram o Fado em algo tão gigante! E às novas gerações por continuarem a acreditar!

E muito obrigada à Associação Fado Cale por este convite, que me faz querer visitar as minhas memórias fadistas, as pessoas que tive a oportunidade de conhecer, ouvir, trabalhar, aplaudir. Sendo eu fadista, dá-me vontade de programar uma só noite com toda essa gente especial, e fazer acontecer a mais brilhante noite de Fado da minha vida!

“O Fado não se explica, sente-se” Amália Rodrigues. Mas vamos querer ouvi-lo, senti-lo vezes sem conta!

Num pensamento: Sejamos verdadeiros, que o Fado querera fazer-se sentir! 🎵



**Maria da
MOURARIA**

RESTAURANTE BAR | CASA DE FADOS



**Tasca da
BELA**



*** SALA SEVERA**

NA CASA ONDE A SEVERA VIVEU
DE QUARTA A DOMINGO DAS 20:00 ÀS 00:00

*** SALA FAÍSCA**

NA CASA ONDE NASCEU O FERNANDO MAURICIO
DE QUARTA A DOMINGO DAS 20:00 ÀS 00:00

*** TASQUINHA
DE FADOS**



www.mariadamouraria.com

+351 218 860 165

mariadamouraria@gmail.com

Largo da Severa 1/2, 1100-588 Lisboa



www.tascadabela.com

+351 926 077 511

tascadabelacasadefados@gmail.com

R. dos Remédios 190, 1100-470 Lisboa

convidado Ângelo Freire

A Arte Do Bem Dizer – Capítulo II
Parceria APAF & AFC

Por Tiago Correia



Ângelo Freire. Transporta na sua história, uma das mais bonitas páginas que o Fado pode escrever. Como músico e fadista, como poeta ou compositor, o Ângelo é um desses marcos intemporais de bem fazer, que fazem perpetuar a dimensão daquilo que o Fado é. Mais especial é o facto de podermos conversar com alguém tão marcante sabendo que o seu passado ainda não é maior que o futuro. É saber que do tanto que já deu ao Fado, tanto mais ainda tem para dar, e que o seu testemunho é uma marca para toda uma geração que com ele convive, mas também para quem ainda não chegou e poderá conviver. Porque o Ângelo nasceu no Fado e aqui estará a vida inteira. E para falar de Fado, não se poupa nas palavras, até porque na sua perspectiva, “o ADN do Fado, está mesmo nessa dimensão da palavra”. A Associação Portuguesa dos Amigos

do Fado em parceria com a Associação Fado Cale tem o prazer de vos apresentar: A Arte de Bem Dizer #2 com o convidado Ângelo Freire.

Para alguém que nasceu e cresceu no Fado não se esperava que uma conversa sobre a importância das palavras e dos versos para os fadistas não começasse por aqui: “a mensagem dum Fado é passada através da palavra e da maneira como nós a interpretamos, o ADN do Fado está mesmo nessa dimensão da palavra” explica-nos Ângelo Freire, que não deixa de referir que existe “um conjunto de outros elementos e circunstâncias que fazem do Fado aquilo que ouvimos”

Tendo como ponto de partida esta sua afirmação, e quando questionado sobre a forma como hoje se vive a palavra no Fado, e se houve transformação de geração para geração, destaca que essa ligação com a palavra “vem do brio de cada um e da importância que cada um dá à palavra que canta”, concluindo esta ideia com o facto de ao longo dos anos ter visto os dois cenários, os que se preocupam com a palavra quando cantam. E os que não se preocupam tanto. “Com os anos como fadista e guitarrista habituei-me sobretudo a ouvir o que os meus mestres me passaram e antes de cantar é importante que se saiba ouvir de que forma eles o fazem”

Como guitarrista assume a importância e o peso que tem escutar os fadistas e perceber a forma como dão poder às palavras “Eu para saber acompanhar bem um fadista, tenho que saber ouvir, filtrando as palavras que o fadista está a dizer para lhe conseguir responder da melhor maneira”. Ângelo Freire tem ao longo da sua carreira, dedicado grande parte do seu tempo à Guitarra Portuguesa, acompanhando algumas das maiores vozes deste país como Ana Moura, Sara Correia, Mariza ou Carlos do Carmo, um pouco por todo o mundo.

No entanto dizer um poema cantando é algo intuitivo para Ângelo, “Saber dizer um poema, é sabê-lo fazer com pontuação e isso aprende-se na escola quando nos ensinam a ler e a compreender o que estamos a ler e o mesmo acontece no Fado, as pontuações servem para não prejudicar as orações”.

A importância da palavra não se perdeu na perspetiva de Ângelo, mas afirma “que sobretudo a nova geração precisa de se apoiar mais sobre essa tradição oral e entender o que os poemas querem dizer”.

Para um fadista como Ângelo, que desde criança, deu os seus primeiros passos, sempre com a mesma irreverência fadista, no coração de Lisboa, no seu eterno Bairro da Graça ao lado de pessoas tão importantes na sua história, não há dúvida da importância de se entender os poemas para um intérprete: “quando comecei a cantar, eu tinha que ir ouvir os discos, passar as letras para o papel, ler as letras, sentava-me à mesa com o meu pai, e acima de tudo antes de cantar tentava entender o que é que certas palavras significavam para entender a mensagem do que se vai cantar”.

Com um maior acesso a toda a informação sobre o Fado do que na altura em que Ângelo Freire se estreou há hoje uma maior dificuldade em filtrar-se o certo e o errado: “É muito mais fácil ouvir-se os discos e cantar-se por cima e desta maneira decoram-se os fados, coisa que no meu tempo e até ao aprender a guitarra portuguesa não pude fazê-lo”.

Ter referências é crucial para o início do caminho nos Fados, mas o fadista e músico, avisa que a partir de certa altura “é necessário não copiases as referências e perceberes qual é o teu ADN e de que maneira podes dizer as coisas, filtrando a melhor forma possível para não seres uma cópia do que segues como referência”.

Entrámos então para outro caminho da conversa onde refletimos sobre a dimensão das palavras no espaço e no tempo delas, e de que forma podemos compreender as palavras escolhidas para se cantarem, e que palavras cabem hoje no Fado que há muitos anos não cabiam?

Ângelo Freire é autor de inúmeros poemas para fado, bem como compositor de novos fados tradicionais, como é o caso do seu Alexandrino do Freire, e questionado sobre a transformação das palavras que se cantam no Fado, disse-nos: “O Fado é uma canção urbana, à medida que a sociedade vai evoluindo, a música também acompanha essa evolução. Havia uma escrita de há décadas, que não é



a escrita de hoje em dia, e a única coisa que se pode fazer desse tempo é tentar imitá-la mesmo que não seja totalmente

“

Eu para saber acompanhar bem um fadista, tenho que saber ouvir, filtrando as palavras que o fadista está a dizer para lhe conseguir responder da melhor maneira.

”

possível porque a tua forma de viver na sociedade não é a mesma. E por isso há uma escolha de palavras diferente para a sociedade onde se está”.

Os poemas de fado vivem numa série de temáticas que são muito abordadas nas suas interpretações. Exemplo disso são os amores e desamores, as saudades, a cidade. No entanto para Ângelo “as palavras escolhidas para descrever as mesmas temáticas é que se transformaram”.

A ideia de todas as palavras cabem no Fado, quando obedecendo à estrutura, é

algo muito discutido no debate público, e que nesta conversa foi importante para que percebêssemos o ponto de vista de Ângelo Freire. “Todas as palavras cabem no Fado, tem é que haver uma forma de embelezar as ideias que se quer colocar no papel. Se calhar há palavras que não imaginamos cantadas, mas não vejo razão para o Fado limitar a escrita,

a poesia tem que ser livre e sem rótulos. Tudo continua a ser feito da mesma forma como se fez na história, mas à luz dos nossos dias. Parte da criatividade e do bom senso poético. Tudo depende para o que se está a escrever”

Ângelo Freire é uma referência para as novas gerações, e com certeza uma das personalidades do Fado que mais presente é para estas gerações. Nele reside a capacidade de comunicar a forma como vive e sente o Fado, deixando no seu testemunho a vontade de partilha, como toda uma geração anterior fez com ele de braços abertos. Sobre a importância do dizer bem para a nossa geração e para quem vem, Ângelo Freire conclui a nossa conversa dizendo: “Aprendam a ler e a ouvir. Quem tem talento vai sempre demonstrar o seu talento, mas quanto mais se souber ouvir e ler, melhor vão saber dizer e interpretar”. 🎵

| LIVROS DE FADO |

Biografia de Anita Guerreiro está acessível em braille

A proposta de viagem ao extraordinário mundo do fado é irrecusável. O livro «O Meu Fado é Vida Cheia - De Bebiana Rocha a Anita Guerreiro» foi transcrito para braille e está acessível a deficientes visuais, numa edição da Biblioteca Nacional de Portugal.

A vida não cabe num livro, mas o exercício biográfico «O Meu Fado é Vida Cheia - De Bebiana Rocha a Anita Guerreiro» recupera a vida da fadista e da atriz, desde o quartel final da primeira metade do século passado até aos primeiros anos do terceiro milénio.

Com uma narrativa linear, em estilo de romance, a obra transporta o leitor para o universo do fado e para o teatro de revista. Segundo volume da Coleção Almas do Fado, cruza com acontecimentos importantes na sociedade portuguesa, como a Carestia, durante a Segunda Guerra Mundial, a Censura Prévia, exercida pelo Estado Novo, a Guerra Colonial, marcante e devastadora, o 25 de abril de 1974, «o dia inicial, inteiro e limpo», como escreveu a poetisa Sophia de Mello Breyner, o fado pós-Revolução dos Cravos, género musical que esteve na iminência de acabar, e muito mais.

«O Meu Sangue é Vida Cheia - De Bebiana Rocha a Anita Guerreiro», com uma versão em Inglês Reino Unido, recupera a vida de Anita Guerreiro e a revela, tal como foi, com todos os sentimentos, alguns contraditórios, e as emoções.

Todas as vidas merecem ser contadas, porque não há histórias sem pessoas e pessoas sem histórias. Este livro é um roteiro pela condição humana. É um retrato, porque «os livros são um espelho da alma», parafraseando a escritora britânica Virginia Woolf. Por isso, todas as vidas merecem ser e convertidas em caracteres de tinta ou em escrita tátil, para serem compaginadas em encadernações.

A biografia de Anita Guerreiro, da autoria de João Paulino, é, também, uma viagem a outras geografias - como Angola e Moçambique - e um relato completado por muitos outros rostos.

«O Meu Sangue é Vida Cheia - De Bebiana Rocha a Anita Guerreiro» celebra a vida da fadista - com temas como «Tia Anica» e «Cheira Bem, Cheira a Lisboa» - e da atriz, com múltiplas participações em telenovelas e séries televisivas de humor.

O livro relata episódios eleitos desde a meninice até depois de completada a barreira de meio século no meio artístico. E leva o leitor a percorrer as artérias que conduzem ao coração do fado. A obra «O Meu Sangue é Vida Cheia - De Bebiana Rocha a Anita Guerreiro» é o segundo volume da Coleção Almas do Fado, com a chancela Câmara Municipal de Lisboa/EGEAC/Museu do Fado e a certificação da Unesco FADO PATRIMÓNIO IMATERIAL DA HUMANIDADE.

A retrospectiva de Anita Guerreiro, atualmente com 88 anos, foi



lançada no início do outono de 2023. Está disponível no Museu do Fado, em Alfama. A edição em braille está acessível a cegos e amblíopes, na Biblioteca Nacional de Portugal.

O primeiro volume da Coleção Almas do Fado intitula-se «O Meu Sangue é Fado - De Concórdio Henriques a Nuno de Aguiar». Este livro será igualmente transcrito em braille e editado pela Biblioteca Nacional de Portugal, no primeiro trimestre de 2025. 🎵

FESTIVAL DO PEIXE DO RIO

Alandroal
Capital das Cozinhinhas do Rio



Facebook: Alandroal - Festival do Peixe do Rio
Instagram: @festivaldopeixedorio_noalandroal
Website: peixedorio.cm-alandroal.pt

ALANDROAL 2025 07 A 16 DE MARÇO

Escola de Fado de S. Vicente

Lugar de partilha e aprendizagem onde se incentiva os mais jovens para a tradição fadista



INSCRIÇÕES ABERTAS

Escrita para Fado • Guitarra Portuguesa
Técnica Vocal • Teoria Musical • Viola de Fado

Inscrições e informações em efsv.pt

O Tango, o Choro, o Flamenco são exemplos de linguagens de cariz popular e tradicional, ensinados a nível equivalente ao conservatório e universitário nos seus países de origem. Embora existam cursos relacionados com a Guitarra Portuguesa, não existe nenhum ainda sobre a linguagem do Fado equiparado àqueles que são ministrados na Argentina, no Brasil ou em Espanha. É com o desejo de preencher esta lacuna que surge a Escola de Fado de São Vicente.

Localizada no coração de Lisboa, entre Alfama e a Graça, a EFSV, projeto desenvolvido pela Junta de Freguesia de São Vicente, tem como objetivo preservar e divulgar o Fado, apoiando também os alunos no seu desenvolvimento artístico e intelectual tendo como matriz o Fado. A formação dos nossos alunos é dividida em quatro áreas igualmente importantes: Formação Musical, Instrumento, Aulas de Conjunto e Escrita para Fado. Nas aulas de Formação Musical estuda-se a base teórica de toda a música, podendo assim entender e desenvolver as suas noções melódicas, rítmicas e harmónicas sempre aliadas ao treino auditivo. O processo culmina com a parte prática onde os alunos concretizam os conteúdos estudados e desenvolvem já na linguagem do Fado as aulas de Instrumento. Os Instrumentos estudados na nossa escola são os instrumentos primordiais para poder acontecer Fado: a Voz, a Guitarra Portuguesa e a Viola de Fado.

Nas aulas de Técnica Vocal lecionadas pela Prof.^a Adelaide Sofia, os alunos trabalham respiração, técnica, interpretação, entre outros conteúdos, sempre considerando as diferentes

abordagens dentro da linguagem fadista.

As aulas de Guitarra Portuguesa são lecionadas por André Dias, jovem músico de Guitarra Portuguesa, mas amplamente reconhecido no meio fadista.

João Filipe é o professor de Viola de Fado e Tiago Torres da Silva ensina a escrever para o Fado. Nestas aulas, os alunos exploram técnicas de escrita, trabalham as formas poéticas tradicionais do Fado e exploram a liberdade criativa de formas mais contemporâneas.

O conceito de formação oferecido na escola deve-se, em grande parte, ao corpo docente e à sua vasta experiência no mundo do Fado. Os professores da escola têm carreiras artísticas consolidadas e um profundo amor pela arte, tendo como um dos objetivos de vida, partilhar as suas experiências e o seu conhecimento com os alunos.

Para além das aulas semanais de instrumento de Formação Musical, existem aulas de Conjunto onde os alunos dos diferentes instrumentos se juntam e experienciam de forma real o que é a arte de cantar e “acompanhar” Fado. Estas aulas são essenciais para o desenvolvimento e aprendizagem de dinâmicas que, numa atuação pública, existem entre os vários elementos que constituem um trio de Fado.

A programação da escola prevê também a existência de Masterclasses com artistas de renome, que num formato mais pessoal partilham com os alunos as suas vivências e ensinamentos no Fado e na música.

A Escola, juntamente com a Junta de Freguesia de São Vicen-

te, promove o Ciclo de Palestras de Tiago Torres da Silva: “Palavras do Fado”. Neste Ciclo, são convidados diferentes nomes do Fado e do panorama da música portuguesa, como Teresinha Landeiro, Tiago Correia, Teresa Siqueira, Mafalda Arnauth ou Sérgio Godinho para falar sobre as particularidades da escrita para o Fado ao longo dos tempos. São conversas descontraídas onde o poeta e os seus convidados partilham vivências, falam sobre a história do Fado e declamam os poemas que marcaram as suas vidas.

A EFSV é um projeto cultural com um cariz social e inclusivo. As aulas são desenhadas para todas as pessoas de todas as idades e diferentes níveis de experiência. Sejam alunos que dão os seus primeiros passos na interpretação do Fado ou artistas que desejam aprofundar os seus conhecimentos.

Para quem deseja fazer parte desta comunidade dedicada ao Fado, as inscrições estão sempre abertas. Uma das características mais importantes da EFSV é o seu formato de formação contínua. Isto significa que os alunos podem ins-

crever-se e iniciar as aulas em qualquer momento do ano, e o plano de ensino é ajustado às suas necessidades e grau de conhecimento. A equipa da escola está sempre disponível para esclarecer dúvidas e ajudar no processo de inscrição. A EFSV é mais do que uma ação educativa, é um projeto que tem como prioridade a partilha da cultura portuguesa, com o objetivo de a manter viva e acarinhada de geração em geração. Com professores dedicados e uma abordagem que respeita a tradição ao mesmo tempo abraça a novidade, a escola reafirma o seu compromisso em manter viva a arte do Fado nas gerações futuras.

SOBRE OS PROFESSORES:

Adelaide Sofia iniciou os seus estudos musicais no Conservatório David de Sousa, concluindo o 8º grau em piano. Licenciou-se em Música e fez mestrado em Ensino da Música na Universidade de Aveiro. A partir de 2005, dedicou-se ao Fado, cantando em várias casas de Fado de Lisboa. Paralelamente leciona Piano e Educação Musical na Casa Pia de Lisboa e no Conservatório de Música de Sintra.

André Dias descobriu a Guitarra Portuguesa na infância e na última década, enquanto profissional, pisou os maiores palcos nacionais e internacionais. Atuou ao lado da maioria dos consagrados nomes contemporâneos do Fado e acompanha habitualmente a fadista Carminho.

João Filipe nasceu numa família de fadistas e começou a cantar fado muito pequeno. É de forma autodidata que aprende a tocar guitarra clássica. Mais tarde reforça a sua formação musical e assume a Viola de Fado como a sua principal expressão artística. Reconhecido como um dos grandes talentos da nova geração do Fado, acompanha regularmente os maiores intérpretes nos palcos nacionais e internacionais e nas principais casas de Fado de Lisboa.

Tiago Torres da Silva é reconhecido como um dos mais importantes letristas do Fado da atualidade, tendo escrito para mais de uma centena de fadistas como Carminho, Ricardo Ribeiro, Beatriz da Conceição, Carlos do Carmo, Maria João Quadros e Camané entre muitos outros. A sua habilidade para traduzir emoções em palavras faz dele uma referência na escrita de letras que perpetuam a essência do Fado. 🎵

A Canção de Coimbra

e as transformações políticas e sociais nas décadas de 60 e 70 do Séc XX

Em artigos anteriores sobre a Canção de Coimbra publicados nesta revista fica patente que, ao longo da secular história deste género musical, muitas foram as transformações sociais e políticas que a influenciaram. Além das grandes figuras (cantores e executantes de guitarra) que marcam este género musical, é notório que ele assimilou, em cada época, as influências e as vivências que as várias gerações de estudantes lhe impregnaram. Da veia mais popular pela adoção de cantares regionais trazidos pelos estudantes de cada região de onde eram oriundos, até à versão mais erudita, inicialmente proveniente dos salões dos nobres e mais tarde da veia poética dos estudantes e/ou de adaptação da poética de autores consagrados, a canção de coimbra é o resultado de tudo isso e mais das convulsões sociais e políticas que marcaram as várias décadas, que culminaram na canção de protesto, com a marca das trovas e das baladas. Por isso se deve designar Canção de Coimbra e não Fado de Coimbra, não só porque tem raízes que a distinguem do fado (de Lisboa) como o artigo de Jorge Cravo publicado nesta revista já evidenciou, mas também porque corresponde a um género musical estudantil e académico que adotou, ao longo dos tempos, variados estilos e géneros musicais: o fado, a trova, a balada.

Importa aqui retomar o tema da influência que as vivências estudantis da década de 60 e 70 do século passado tiveram na Canção de Coimbra. O Maio de 68 em França, marcado pelo protesto estudantil teve impacto um pouco por toda a Europa, tendo chegado a Portugal em 1969, com movimentos estudantis em Lisboa, Porto e Coimbra, que se manifestavam contra a ditadura, guerra colonial e repressão que o país vivia. Mas, já desde o início da década de 60 em Portugal, manifestações estudantis resultavam na prisão e perseguição de estudantes pela PIDE.



Em 1969, foi marcante o momento em que em plena crise académica Alberto Martins, Presidente da Associação Académica de Coimbra pediu a palavra ao Presidente da República Américo Tomás para falar em nome dos estudantes por ocasião da inauguração do edifício das Matemáticas, o que lhe foi recusado, tendo a cerimónia terminado de forma abrupta com a

detenção do presidente da AAC. Este momento marca o início de uma década de luto académico, ao qual se seguiu a suspensão das tradições académicas, nomeadamente da Queima das Fitas, da praxe e das serenatas, momentos maiores da tradição Coimbrã, que no contexto histórico da época, eram associadas ao conservadorismo e ao regime do Estado Novo.



Por largos anos não se fizeram serenatas, nem se ouviam os estudantes a cantar Fado de Coimbra. O Dr. José Afonso do Fado de Coimbra e dos 'Contos Velinhos', deu lugar ao Zeca Afonso do 'Menino do Bairro Negro', marcando a viragem da Canção de Coimbra para uma canção de protesto.



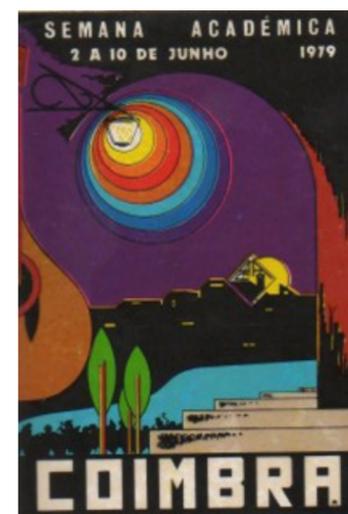
Inicia-se o movimento musical da trova e balada, para por a nú os excessos do poder político, a falta de liberdade e a guerra colonial. A canção como 'arma' tão bem escrita por Manuel Alegre desde inícios dos anos 60 (veja-se a Trova do Vento que Passa) e cantada, entre outros, por Adriano Correia de Oliveira, ocupou o lugar da canção romantizada, dolente e cantada pelos estudantes às raparigas nas serenatas de rua. Em toda a década de 70, antes e após o 25 de Abril, radicalizaram-se movimentos estudantis, primeiro contra o Estado Novo e, após o 25 de Abril, defendendo ideias de extrema esquerda nas quais tudo o que cheirasse a tradição era conotado com o antigo regime. A guitarra e o fado ou canção de coimbra, as tradições académicas, as serenatas e a praxe deixaram de existir no imaginário



estudantil, prolongando o luto académico no período pós 25 de Abril, pelo menos até 1978. Ao longo desta década o denominado Fado de Coimbra passou quase para a clandestinidade e quem ousasse cantá-lo era apelidado de fascista e ligado ao antigo regime.

Curiosamente, é através da Canção de Coimbra que se começa a verificar, a partir de 78, o renascimento das tradições académicas. O relançamento do fado de coimbra iniciou-se com uma série televisiva da RTP em forma documental de 5 episódios, descritivos da história e evolução do género musical. Em maio de 1978 realiza-se o denominado 'Seminário do Fado de Coimbra' organizado pela Câmara Municipal de Coimbra, com o apoio da Direção Geral da Associação Académica, que reuniu elementos ligados ao canto e à guitarra de Coimbra e do qual saiu a ideia da criação da Escola de Fado do Chiado (na zona baixa da cidade), a qual foi responsável, nos anos seguintes, pela formação de várias gerações de estudantes na execução da guitarra e do canto de Coimbra. Momento crucial foi o da realização da primeira serenata monumental, após o luto académico, na escadaria da Sé Velha, momento que marca um virar de página, ainda que contestado, ao luto académico que se tinha imposto em Coimbra e que foi responsável pelo adormecimento do Fado de Coimbra durante uma década. Logo em 1979 realizou-se o II Seminário do Fado de Coimbra e a Serenata Monumental integrada nesse encontro, que decorreu em maio e na qual já participaram alunos da escola de fado do Chiado criada no ano anterior.

A estabilização da democracia propiciou o surgimento de um movimento de estudantes que pretendiam retomar a praxe e as tradições académicas em Coimbra, movimento que integrava estudantes de diversas orientações políticas. E foi em 1979 que se realizou a primeira semana académica, realizada em junho, o primeiro ensaio para a Queima das Fitas que passou a realizar-se regularmente a partir de 1980.



Este movimento de restauração das tradições académicas e da praxe não foi isento, nos primeiros anos, de muita contestação que, algumas vezes, resvalou em esperas, agressões e alguma violência sobre quem usava capa e batina e tinha aderido à renovação da praxe. A década de 80 é a da estabilização da renovação da praxe, com as festividades da Queima das Fitas a realizar-se regularmente em maio, crescendo, ano após ano, o número de estudantes que aderiam ao uso da capa e batina e à frequência das festividades académicas, incluindo as serenatas monumentais que enchem, cada vez mais, o largo da Sé Velha. A criação da Secção de Fado da AAC, no início dos anos 80, contribuiu muito para a formação de uma nova geração de instrumentistas, cantores e autores de grande qualidade, que deixaram uma marca indelével na Canção de Coimbra - há quem já a apelide de 4ª geração de ouro.



por João Carlos Oliveira *



Também esta geração de 80, a da renovação, além de criar novas composições plasmadas em discos (primeiro em vinil e depois em CD), incorporou o legado das gerações anteriores da Canção de Coimbra e fizeram suas as composições de outras épocas, nomeadamente, as trovas e baladas que representam a geração da contestação, mas não deixam de ser património artístico e cultural que lhes pertence. A singularidade da Canção de Coimbra é representada por essa assimilação geracional, como se um estudante de Coimbra o fosse de todos os tempos. É isso que faz da Canção de Coimbra um género intemporal, que se renova em cada geração de estudantes, mas que mantém vivo o legado que lhes foi deixado pelas gerações anteriores. 🎵

Para este artigo foram consultados:
Coimbra 1969-1970/80 - Luto académico, tradição coimbrã e mudança política, de Carlos Miguel Jorge Martins
A Canção de Coimbra em tempo de lutas estudantis (1961-1969), Minerva Coimbra, 2009, Jorge Cravo
Artigos e notícias da época

* Administrador Hospitalar, Músico instrumentista e Membro do Grupo de Fadros de Coimbra Toada Coimbrã

3,4,5,6 JUL
AMÁLIA
 fes
 ti
 val
 RODRIGUES



3 A 6 DE JULHO
 ARTISTAS CONFIRMADOS

▶ 3 JULHO



MARCO RODRIGUES

▶ 4 JULHO



SARA CORREIA

▶ 5 JULHO



MATILDE CID

▶ 5 JULHO



TÂNIA OLEIRO

▶ 6 JULHO



FADO DE COIMBRA

CONVIDADO DE HONRA



HÉLDER MOUTINHO

AMÁLIA 11º
RODRIGUES
 concurso de fado



INSCRIÇÕES ABERTAS
www.fadocale.pt

FACALE
DO

ESCOLA DE FADO | INSCRIÇÕES ABERTAS

CANTO PARA FADO/GUITARRA PORTUGUESA/VIOLA DE FADO/ BAIXO DE FADO

Rua da Cale nº33 - Fundão | fadocale@gmail.com

PRÓXIMAS SESSÕES DE FADO:

21 MARÇO: FADO JOCOSO - MANUEL MARÇAL

26 ABRIL: MARIANA LOPES CORREIA

16 MAIO: SANDRA CORREIA

2025
PAREDESMEIAS
 FADO & POESIA

CB
 CULTURA

JOSÉ
GEADAS

01 MARÇO — SÁB. 21H30
 CENTRO DE CULTURA
 CONTEMPORÂNEA
 M/ 6 — 7€ / Descontos disponíveis

01-02 MARÇO — SÁB./DOM.
 FÁBRICA DA
 CRIATIVIDADE
 M/ 18 — 7€ / Descontos disponíveis

TIAGO
TORRES
DA SILVA

WORKSHOP
 POESIA PARA FADO
 (32 horas / março a dezembro)
 Pré-inscrição obrigatória

Carlos Leitão
 31 Maio



Beatriz Felício
 6 Setembro



Na Voz dos Poetas / Artistas
 Convidados | 6 Dezembro



FACALE
DO

Câmara Municipal
CASTELO
BRANCO

unesco

CENTRO
 DE CULTURA
 CONTEMPORÂNEA

rpac

FÁBRICA
 DA
 CRIATIVIDADE

INSCRIÇÕES | BILHETEIRA



CASTELO BRANCO

HÁ MUITAS RAZÕES PARA SER ASSOCIADO MONTEPIO. QUAL É A SUA?

Desde 1840 que acompanhamos os portugueses com soluções de poupança e proteção que preparam o futuro e apoiam o presente, em todas as fases da vida.

Se ainda não conhece as vantagens que podem mudar a sua vida, vai querer conhecer todas as razões para estarmos consigo.

Com mais de 600 mil associados, somos poupança, proteção, saúde, experiências, cultura, e muitas outras vantagens que são a razão para tudo o que alcançamos, juntos.



Montepio
Associação Mutualista

Saiba mais em
montepio.org

